A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

1.º ANNO

Assignatura:—Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1$200 reis. Annuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remettida a folha pelo correio, anno 1$500 rs., semestre 750 rs.—avulso 40 reis. Toda a correpondencia será dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 15

AO PUBLICO E Á IMPRENSA CATHOLICA

A peregrinação ao Monte Sameiro em desaggravo da affronta feita á Egreja pelos inimigos da religião, celebrando como manifestação politica, o centenario do perseguidor da companhia de Jesus, d'esse homem que foi a dobradiça da porta por onde se entrou para esta época de desmoralisação e decadencia em que infelizmente nos achamos; esta solemne protestação de milhares de catholicos que de toda a parte da nossa provincia e da cidade da Virgem vem aos pés da Immaculada prestar suas homenagens, foi por honra da nossa folha, suggerida ao paiz pela nossa humilde penna.

Toda a imprensa catholica do paiz secundou a nossa iniciativa, e o publico catholico transformou-a em uma realidade solemne, e tão ruidosa, que excede toda a nossa espectativa:

É pois do nosso dever congratular-nos com os nossos collegas do jornalismo catholico, e felicitar o povo portuguez, e principalmente o do Minho, pela attitude imponente e soberanamente honrosa que tomou n'este momento de tão alta significação politica.

Os R. R.

BRAGA

SABBADO 6 DE MAIO DE 1882

A PEREGRINAÇÃO

Passagem! Passagem ao povo catholico! Ronca nas capitães o canhão festivo, fluctuam bandeiras e penachos, tripudia a canalha na bachanal infrene, salpica-se de lama um governo, deshonra-se a nação official!

Aqui...repicam modestos os sinos da Ermida, ergue-se uma cruz singela como a virtude, mas victoriosa como a Fé, e caminha atraz d'aquelle symbolo, humilde, recolhida na propria alma, a nação catholica!

Além o Portugal louco, aqui o Portugal crente!

Além a revolução, aqui Deus!

Contraste singular que a historia ha-de registrar para que os vindouros nos julguem á luz de critica imparcial!

A revolução dirije-se ao espirito nacional.

«Cincoenta annos hei dominado e cincoenta annos hei vencido! Quem és tu hoje, transformado, humilhado, captivo, ó Portugal de nove seculos?!»

«Arrasei os templos da tua fé, profanei os teus altares, ultragei os teus santos, quebrei os teus cruxifixos, calquei a pés o teu Deus, rasguei as tuas leis, expulsei os teus sacerdotes, prostitui as tuas virgens; quem és tu hoje senão o ser do meu ser, ó guerreiro de nove seculos?!»

Em caminho da peregrinação um povo responde á voz arrogante da revolução!

«Cincoenta annos de soffrimento foram apenas cincoenta annos de provação!

O heróe não morreu: Repousava apenas! O leão saccode a juba e levanta-se!

Homens da liberdade, quereis saber o que fizestes?

Arrasastes os nossos templos, mas as imagens que lá tinhamos aranhadas no ambito das paredes que profanastes e derribastes, erguem-se mais formosas no cimo das nossas montanhas, tendo por tecto a abobada do Céo, e por limites o mundo! Roubastes-nos as alfaias e despistes dos doirados ornatos os altares. mas no grande templo que o Senhor edificou, nascem espontaneas as rosas e as boninas, e vestem o chão onde joelham milhões de crentes, desde os arroios do vale até aos pinhascos do monte.

«Rasgastes-nos as nossas leis, mas esquecestes-vos de que ellas estavam indelevelmente gravadas no coração de quatro milhões de fieis!»

Dissovestes as congregações religiosas—prostituistes as virgens do claustro; mas em vez de quatro mil congregados monasticos, congrega-se a familia catholica, de um povo, congrega-se uma nação, para vir aos pés da Mãe de Deus protestar a sua fé e amaldiçoar-vos mais uma vez!

«Provocastes-nos a responder-vos, um povo vos responde!

«O que lá tendes pelas cidades não é nem o nosso coração nem a nossa alma.

«Andaes respigando pelas chafarricas os homens para a festa, encontrastes a canalha que vos apoia e victoria; carecestes do vinho para alegrar as vossas turbas, deu-vos o governo o dinheiro exturquido ao povo para as urgencias do Estado, e destinado abusivamente ás orgias da politica. Permittem-vos o estrondo das festas, uma pennada do poder vos concede as paradas, uma imbecilidade supina e ridicula vos acompanha de tropheos erguidos, em um prestito politico, que ninguem pode definir senão como uma rematada frioleira, uma necidade de fardalhão e esporas!»

O Centenario ao marquez de Pombal, é uma homenagem a um scelerado convicto e julgado á face dos tribunaes, ao maior despota do mundo, e é promotor d'este escandalo o partido republicano, que se diz ser o maior inimigo do despotismo, e o maior defensor da liberdade!

Que coherencia!

São na capital perseguidos pela auctoridade os trabalhos republicanos, o governo lisongeia a cada passo a corôa, e dá de mão beijada quatro contos de reis aos republicanos, e colloca-se ao lado dos republicanos, e levará provavelmente o chefe de Estado a dar tambem de lustre á festa republicana!

Que seriedade!

A impresa ultra liberal bate as palmas, e folga, e faz propaganda em honra do primeiro perseguidor do primeiro jornal que houve n'este paiz, ao primeiro implantador da lei das rolhas, ao instituidor da censura previa!

Que dignidade!

As escolas extasiam-se deante do grande reformador do ensino, e ao passo que se queixam de prerogativas e previlegios dados a certas academias em prejuiso de alguns cursos, quando se enthusiasmam com a liberdade, igualdade e fraternidade, quasi canonisam o Marquez de Pombal, o instituidor do Collegio *dos Nobres*, e da Meza censoria, com jusrisdição privativa e exclusiva. Ao passo que clamam pela liberdade de ensino, pela illustração do povo, pelo desenvolvimento das casas de instrucção, glorificam o mitnstro, que reunio em uma só as nossas duas universidades, com professores estrangeiros, e lhe deu previlegios contra os quaes por mais de uma vez modernamente tem reclamado!

Que bom senso!

A classe industrial, querendo acompanhar a festa com o seu republicanismo, lá concorre tambem de estandarte levantado. Recorda-se dos decretos do sanguinario ministro, mas não vê que apesar do seu republicanismo, não foi esse ministro, mas o proprio rei, quem tomou a iniciativa em favor das industrias, a despeito das reclamações de Castres, ministro da Inglaterra. Não sabem os industriaes que em quanto Sebastião José de Carvalho e Mello, era uma mostruosidade envolta em uma casaca de sêla ingleza, D. José I se vestia de saragoça das nossas fabricas, e dava assim um exemplo a toda a sua côrte e a todo o paiz, que immitou n'este uso o monarcha.

Certamente nas cafurnas republicanas não referiram os tribunos estas verdades historicas aos seus industriaes.

Lá vão, alegres, cheios de si os homens da idéa nova, os socialistas, os fanfarrões da liberdade de cultos, festejar o tyranno que manteve até contra as deliberações da côrte de Roma a guerra ao transe contra judeus e christãos novos, embora mais tarde legislasse em seu favor.

Que philosophos!

Lá vão os nobres, ao lado do governo, lá vão as casas legislativas passar em continencia pelo mesmo sitio onde se levantara o cadafalso em que foram queimados vivos muitos innocentes (1) da primeira nobreza de Portugal, pelo simples facto de fazerem sombra ao malvado D. Sebastião II!

E foram estes nobres e estas casas legislativas que votaram a abolição da pena de morte! E são, muitos d'estes nobres, parentes e descendentes dos fidalgos assassinados e deshonrados pelo marquez de Pombal!

Isto não é só ridiculo, é tambem miseravel!

Lisboa veste-se de galas e Lisboa esquece que aquelle homem, cuja memoria festeja, é o mesmo que para augmentar o terror produzido por vinte mil victimas sepultadas sob as ruinas da Capital em 1755, para tornar mais temido o seu nome, fez pender no mesmo dia de duzentas forcas em redor dos muros da cidade outros tantos cadaveres! Esqueceu que aquelle monstro, para saciar uma vingança propriamente sua, horrorisou toda a Europa civilisada, fazendo arrastar pelas mesmas ruas por onde váe hoje passar em triumpho o *prestito civico*, o cadaver do italiano João Baptista Pelle, esquartejado por quatro cavallos, depois de haver soffrido horriveis tractos! Esqueceu que aquelle homem ferino, cerceando o poder á Inquisição, depois de se haver largamente utilisado dos seus recursos, quiz

(1) Em 3 d'abril de 1781, tendo o marquez de Alorna, sua mulher, D. João Gaspar, D. Manoel e D. Nuno de Tavora obtido de D. Maria I a revisão do processo que condemnou o malfadado duque de Aveiro, os juizes declararam innocentes todos os accusados, assim os que haviam sido suppliciados, como os que estavam a inda vivos e sepultados nas masmorras. Para provarem a violencia que o Marquez de Pombal exercia, sobre todos os poderes, fazem muitos auctores notar que alguns dos juizes que assignaram esta sentença revogando a primeira, eram os mesmos que a haviam dado! Julgado criminoso o Marquez de Pombal, valeu-lhe a piedade da rainha para que não recebesse maior castigo do que ser expulso de Lisboa.

FOLHETIM

PARA A HISTORIA

No ensejo em que se desentranham das bibliothecas e dos archivos documentos para memorarem a ominosa vida de Sebastião José de Carvalho e Mello; quando a mais insensata absecação partidaria exalça um monstro, e o espirito incoherente do liberalismo quasi deifica esse Nero do seculo XVIII, pelo simples facto de haver expulçado dos seus conventos, roubado, e expatriado os padres da benemerita Companhia de Jesus, possa ao menos a critica imparcial vêr dos proprios actos do celeberrimo ministro de D. José I, quanta paixão individual e quanta impopularidade acompanharam essa obra nefanda de uma tyrannia, ainda mais infame do que audaz.

A medida violenta da expulção dos jesuitas, se foi uma necessidade para a abnoxia politica de Sebastião José de Carvalho, estava longe de ser sympathica ao povo portuguez, acostumado a venerar na companhia de Jesus os grandes homens, que mais haviam contribuido pelo seu saber e afan, para a nobilitação do nome nacional.

Provam-o assaz os documentos que publicamos como um precioso subsidio para a historia.

As precauções tomadas pelo ministro para levar a cabo a expulsão dos filhos de Loyola significa o temor de que o povo fizesse justiça oppondo-se ao designio do façanhudo despota; e é tanto para notar estas precauções, quanto é sabido que nas ilhas dos Açores, a que dizem respeito estes documentos existia uma forte guarnição de tropa regular e da segunda linha, da qual o marquez de Pombal dispunha a seu talante.

Igualmente se vê d'estes documentos que a linguagem com que a revolução costuma calumniar a companhia de Jesus em Portugal teve origem nos decretos redigidos pelo ministro de D. José, calumnias firmadas no mysterioso attentado contra o rei, cujos detalhes foram reputadas uma torpe machinação do marquez, para dominar o espirito timido do soberano, e descartar-se de tudo quanto lhe fazia sombra entre a nobresa e entre o clero, unicas potencias que subjugavam os seus instinctos ferozes e interesseiros.

Cremos serem ineditos estes documentos; o que redobra o seu valor. A rapina liberal subtrahio, por occasião de serem invadidas pelos *bravos* as secretarias do governo geral dos Açores, o livro primeiro dos registros da correspondencia d'aquella capitania general com o juizo da Inconfidencia, tribunal creado pelo tristemente celebre ministro para seu auxiliar. E' d'esse livro original, inteiramente authenticado, que podemos salvar dos embrulhos das mercearias que extrahimos, letra por letra, estes documentos, que vem a talhe publicar. Outros documentos de subido merito historico contem aquelle precioso livro com relação á expulsão dos Jesuitas, e ao roubo dos seus bens. Por demasiado extenços os não offerecemos agora a publico.

S. F.

«Copia de uma carta de Sua Magestade que Deus guarde dirigida ao governador d'esta Ilha 3.ª em que manda expulsar os Regullares denominados da Companhia de Jesus.»

«Eu El-Rey Faço saber a vós Governador da Ilha Terceyra ou quem vosso cargo servir, que pela collecção impressa, que recebereis com esta, vos serão presentes os justos e indispensaveis motivos que obrigaram a minha Religiosa Piedade a ceder á orgencia da minha indefectivel justiça, para fazer expulsar, como se tem expulsado de todas as Provincias d'estes Reynos os perniciozissimos Regulares da companhia denominada de Jesus. E porque na conformidade da minha Ley, dada em tres de Setembro e publicada em tres de Outubro do anno proximo precedente de mil setecentos cincoenta e nove se devem ter os mesmos procedimentos com aquelles dos sobreditos Regullares, que vivem no territorio d'essa capitania: Para que a expulsão d'elles se possa fazer com a mesma tranquilidade, e silencio, com que se executou n'estes Reynos: Sou servido ordenar o seguinte. Logo que vos instruires do contheudo n'esta carta, chamando á vossa presença o Ministro, e o official de guerra, que achareis mais digno da vossa confiança, fareis por elles embarcar logo na Nau de guerra Nossa Senhora da Natividade, commandada por João da Costa de Brito, todos aquelles dos ditos Regullares, que n'essa cidade e seu districto, rezidirem; reclutando os que fora da mesma cidade se acharem dispersos; De sorte que todos sejam embarcados na mesma Nau de guerra, o que fareis executar de noute, por evitar escandalo, sem que se lhes possa permittir a menor communicação com pessoa alguma. No dia proximo seguinte ao dito embarque, farei entregar ao Bispo d'essa Diocese, e a camara d'essa cidade as cartas que lhe vão dirigidas debaixo dos seus

unicamente assumir elle proprio todo esse poder, no goso da sua feroz insaciabilidade.

E Lisboa quer para si os fôros de centro da civilisação portugueza!

O Porto! O Porto tambem festeja o centenario do Marquez de Pombal! E este Porto é o mesmo que se sublevou contra o ministro que estabeleceu a companhia dos vinhos do alto Douro! É o mesmo Porto que o Marquez de Pombal mandou occupar de suas tropas, para atirar com grande numero de filhos do povo para o desterro e para as galés, enforcando outros nas praças publicas, escravisando assim, acorrentando á sua vontade e ao seu interesse e lucros particulares uma cidade nobre e briosa!

E chama-se o Porto «o *baluarte da liberdade*!»

Até o commercio, até o Brazil quiz tambem dar o seu contingente para esta obra da loucura e da decadencia moral do povo portuguez! O commercio! Pois póde o commercio portuguez e brazileiro esquecer a companhia do Grão-Pará e Maranhão? Póde esquecer o despotismo com que o Marquez de Pombal dissolveu a util corporação denominada *Meza do bem commum dos mercadores*, fazendo-a substituir pela *Junta do commercio*, creada á imagem e similhança d'aquelle tyranno, fazendo desterrar para Marzagão e expatriando muitos dos homens mais conspicuos do commercio?

Para que serve a historia? Para se formar o dilemma de que este paiz ou é de ineptos ou de protervos?

Oh! não! A partilha de tanta incoherencia pertence unicamente aos pombalinos da revolução. O Portugal portnguez, o Portugal catholico protesta com todo o alento da sua dignidade contra as conspurcações de uma sociedade devassa.

O paiz não recusa ao ministro de D. José I a admiração pelo seu talento administrativo e diplomatico, mas envergonha-se dos crimes d'esse homem monstruosamente sanguinario, ambicioso e despotico, Sabe que o quadro de reformas que fizeram mais admiravel o marquez de Pombal como homen de Estado, foi apontado como plano administrativo ao principe D. José (2) pelo celebre D. Luiz da Cunha antes do marquez de Pombal seu ministro; mas não recusa ao ministro a gratidão pelos serviços que realmente prestou, pondo em execução muitas medidas uteis á prosperidade nacional.

Em uma sociedade civilisada, nada ha que possa apagar as nodoas de sangue que cahiram sobre a sepultura de Sebastião José de Carvalho e Mello. Sobre aquella sepultura pesam de sobra centenares de cadaveres das victimas immoladas ao orgulho, ao caracter altivo e despotico do ministro de D. José. Se d'ali fosse possivel arrastar aquelles cadaveres, e abrir aquella sepultura, as proprias cinzas do tyrano envenenariam a canalha centenarista, revoltadas contra as vilanias que rebaixam esta sociedade, que se colloca hoje inferiormente ao nivel das torpezas do proprio Pombal!

(2) Vide *Obras ineditas de grande exemplar da sciencia do estado, D. Luiz da Cunha;* livro publicado por Antonio Lourenço Caminha em 1821.

Podem os homens da liberdade erguer em todo o paiz estatuas de marmore ao seu heroe, fundi-las do bronze dos sinos que por exemplo d'aquelle homem roubaram ás nossas Egrejas e aos nossos conventos, a historia ha-de recordar sempre que o povo portuguez conserva ainda hoje o sentimento de dignidade e de horror com que os habitantes da villa de Pombal abriram o sepulcro d'onde jazia aquelle homem preverso, cujos restos lhes pareciam manchar o solo da patria, e arrojaram aos porcos e aos cães aquelles ossos malditos por Deus e por um povo christão e brioso do seu bom nome.

Passagem! Passagem á peregrinação catholica!

Deante das provocações da revolução não se abate um povo que se presa. Ergue-se, protesta com tanta maior energia, quanto é certo que o gigante catholico levantando o guante, que lhe é arremessado, offerece o peito aos golpes do adversario, prestes a cruzar a arma, em todos os campos aonde o chamem as ousadias dos inimigos da Fé e da Egreja.

BRAGA E OS JESUITAS

Aproxima-se o dia em que tem de festejar-se com estrondo em varias povoações do reino o centenario de Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras, marquez de Pombal, e ministro omnipotente de D. José I. Embora este estadista pertencesse ao antigo regimen, não é o partido legitimista que celebra tão ruidosamente a sua memoria, porque este nobre partido não póde approvar as atrocidades executadas sob a vontade de ferro d'aquelle despotico ministro, e muito menos os golpes crueis que elle vibrou á Egreja catholica, e o exterminio que levou ao cabo da benemerita Companhia de Jesus.

São os homens mais avançados na escholla liberal aquelles que mais enthusiastas se mostram n'essas festas, que serão ridiculas para o estrangeiro desapaixonado e sabedor da nossa historia, e que foram sem rebuço lembradas e são visivelmente dirigidas pela maçonaria. Qual o motivo de tantas honras posthumas a um homem que, ao mesmo tempo que eram declaradas innocentes e rehabilitadas as suas numerosas victimas, foi apresentado a presentes e vindouros como um *grande criminoso digno de exemplar castigo*, e só poupado a elle em attenção á sua muita idade, e pela clemencia da sua soberana? Dizem-n'o perfeitamente as seguintes linhas d'um livro que acaba de ver a luz da publicidade:

«Se o marquez de Pombal não tivera perseguido, calumniado, sacrificado e exterminado a companhia de Jesus; se elle não houvera dado o exemplo, que não podia ficar sem consequencias, de usurpar os bens das ordens monasticas e porisso da Egreja, violando o direito de propriedade da mais respeitavel possuidora que póde haver n'este mundo; se não tivesse restabelecido dagmaticamente principios, que seguidos á risca seriam a negação de toda a religião e da distincção fundamental entre o poder espiritual e o poder temporal; senão houvesse, por inveja e em beneficio proprio, calcado aos pés os brasões da primeira nobresa do paiz, deixando a monarchia desamparada e minados os alicerces do throno; em balde haveria elle promulgado decretos, onde a prudencia e a sabedoria se manifestam, reedificado Lisboa, e auxiliado poderosamente a agricultura, o commercio e a industria; nenhum dos serviços reaes, que prestou, lhe conquistariam as honras explendidas do centenario, que se está celebrando (1)».

Louvores pois a Braga, que se não associou a essa manifestação claramente anticatholica, e mais ou menos encobertamente anti-monarchica; louvores a Braga que, pelo contrario, como protesto solemne contra mais esse ataque á religião unica e verdadeira que nos legaram nossos avôs, envia muitos de seus piedosos filhos aos pés da Virgem Immaculada do Sameiro, para lhe rogar que salve o velho Portugal de que é Padroeira das garras d'esses que, devendo ser seus zelosos filhos, só buscam precipital-o no abysmo em que desapparecem as nações!

E já que, n'essa torrente de impiedade que ahi inunda o solo da patria, se erguem á superficie como negra espuma todas as calumnias imaginaveis contra a innocente e perseguida companhia de Jesus, permitta-se-nos que digamos apenas duas palavras a respeito d'ella, não para a justificarmos, que bem justificada está ella aos olhos despreocupados e desapaixonados, mas para recordarmos o seu estabelecimento e termo na catholica cidade de Braga.

Não ha quem não respeite e venere a memoria do santo Arcebispo Primaz D. Frei Bartholomeu dos Martyres, cuja vida prodigiosa viverá sempre não só na tradição, mas nas formosissimas paginas de Frei Luiz de Souza. Pois foi este grande Prelado quem fundou á companhia, em 1561, o Collegio que, sem perder este nome, foi depois convento das Ursulinas e hoje é Seminario conciliar. O fim que tivera em vista o illustre Arcebispo, fôra «fundar uma universidade quanto bastasse para lhe fazer homens idoneos para cura d'almas». Escolheu pois para se incumbirem d'ella os Jesuitas, porque «entendeu, continúa o auctor alludido, que aqui tinha junto tudo o que havia mister e desejava», isto é, virtude e lettras.

Foi primeiro reitor d'este Collegio o P.e Ignacio d'Azevedo, irmão de D. Jeronymo d'Azevedo, valoroso capitão e governador na india oriental; aquelle mesmo Ignacio d'Azevedo que, indo mais tarde (1570) como prelado da sua religião para o Brazil, foi morto com trinta e nove companheiros por um corsario francez calvinista, que tomou o navio que os transportava. Doze padres o acompanharam a Braga, e com elle formaram aquella casa religiosa e estabelecimento d'estudos, que tão bellos poetas produziu desde logo e pelo tempo adiante.

Chegou porém o *reinado* do marquez de Pombal, e com elle a ruina da benemerita sociedade em Portugal; porém, ainda n'essa época de terror, oppressão e tyrannia, foi talvez Braga a terra onde os Jesuitas tiveram menos que soffrer, emquanto se conservaram dentro dos seus muros. Ordenou o despotico ministro que fossem interrogados sobre a doutrina dos padres todos os que haviam sido seus discipulos: os mais distinctos religiosos, os parochos da diocese, os conegos da Sé e as pessoas mais conspicuas da cidade cujos depoimentos foram todos a favor d'aquelles. O Arcebispo, irmão do rei, no mandamento que deu por essa occasião, tractou-os tambem com toda a consideração, o que por signal desagradou ao perseguidor.

Encontraram tambem toda a attenção no coronel Sebastião Pinto, nomeado commandante da guarda do Collegio; o qual prohibiu aos officiaes e ás sentinellas que os não offendessem por actos ou palavras, tractando-os antes com brandura. Foi porisso reprehendido por João d'Almeida, governador militar do Minho e Traz-os-Montes, porém respondeu-lhe que se não considerava algoz nem carcereiro dos Jesuitas. Ao coronel estava associado o desembargador Antonio Leite de Campos, homem não menos probo, que tambem concorreu para evitar violencias contra innocentes tão atrozmente perseguidos.

Em outubro de 1759, foram os Jesuitas do Collegio de Braga e os das residencias circumvisinhas transportados para o Porto, aonde chegaram tres dias depois, tendo tido muito que soffrer pelo caminho. Um só irmão nonagenario ficara no Collegio de Braga, d'onde foi levado para o convento do Carmo.

Os povos, que em todas as partes tinham sobejos motivos para amar os Jesuitas, que não para aborrecel-os, viam com intima pena executar as ordens tyrannicas de Carvalho, mas não ousaram manifestar os seus sentimentos, pois bem sabiam como o ministro prepotente costumava responder a quem ousava commentar com uma só palavra que fosse os seus mandados. Os patibulos, os carceres e os degredos mostravam que sob aquelle ominoso ministerio, quem não fosse escravo era considerado rebelde.

Consummou pois o marquez de Pombal aquella iniquidade do exterminio da companhia, como outras que feriam profundamente a religião. E eis porque hoje tanto o exaltam aquelles que trabalham por arrancar do solo portuguez a arvore salvadora da religião verdadeira.

Não o conseguirão, porém, emquanto em Portugal houver catholicos de tão fina tempera como os bracarenses.

Salve pois hoje e sempre, catholica Braga, Roma portugueza! Felicita-te com intenso jubilo um teu humilde filho que, posto viva ha muitos annos apartado de ti, nem te renega nem te esquece.

A. Moreira Bello.

CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL

Deus queira que o dia 8 de maio de 1882 não marque entre nós um novo recrescimento na peregrinação á Santa Egreja de Jesus Christo.

Temos grandes sustos e profundos receios de que o escandalo nacional da glorificação do perseguidor da Egreja em Portugal seja o annuncio de grandes tempestades.

---

nomes. Successivamente fareis publicar a som de caixas com as tropas formadas, e á testa d'ellas, as duas Leis que ultimamente promulguei n'este Reino; assim para a total expulsão dos mesmos Regullares; como para ser reposta e guardada no archivo da camara a collecção dos documentos, que devem perpetuar para saudavel aviso dos vindouros, os horrorosos factos, que deram tão indispensaveis, e funestos motivos a estas demonstrações de meu Real, Justo e Supremo Poder. Rocommendo-vos um cuidado especial em fazeres remeter ao juizo da Inconfidencia d'este Reyno, com toda a exactidão e brevidade o inventario do sequestro que se houver feito e fizer aos sobreditos Regullares expulsos, com a declaração das sommas que os bens vendidos, e sequestrados houverem produzido, e forem produzindo. O que tudo se entenda deduzindo-se sempre o que necessario fôr para se satisfazerem as obrigações do culto Divino, e as disposições testamentarias, como pelas minhas Reaes ordens está determinado. As Igrejas, Collegios e Noviciado, que forem casas puramente Religiosas e immediatamente dedicadas ao culto Divino e exercicios Espirituaes, serão entregues á administração do Bispo d'essa Diocese, ou quem seu cargo servir, na forma que tenho determinado. O que porém senão extenderá ás Residencias e casas de grangearia, que impropria e abuzivamente se chamavam Missões. E tudo espero que executeis com a fidelidade, zelo, e acerto com que vos empregais no meu Real serviço; de sorte que eu tenha muito que vos agradecer na extirpação d'essa parte de uma sociedade, que por tantos, tão execrandos e manifestos modos tem mostrado que he adversaria commua da minha Real Pessoa e Dominios, e dos interessas, e concervação dos meus fieis vassallos. Escripta no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda a quatro de Junho de mil settecentos e sessenta. *Rey*. Para o Governador da Ilha Terceira ou quem seu cargo servir. Fica registada n'esta vedoria no Livro terceiro d'ella a folhas tresentas vinte e uma. Angra vinte e sette de Agosto de mil sette centos e sessenta. *Castilbranco*. concorda com a propria carta de que retro faço menção, a que me reporto que aqui bem e fielmente fiz tresladar que fica copiada na verdade sem couza que duvida fassa em os vinte e sette dias do mez de Outubro de mil settecentos sessenta e quatro annos: e declaro que me reporto a dita carta em poder do capp.tam commandante Francisco Pereira de Lacerda e de a receber e de aqui assignar eu Sebastião José de Bitteucurt escrivão do confisco a fiz escrever e sobescrevi e assigney. Conferida. De Sebastião José de Bitteucurt.»

«Copia da carta do Exm.o conde de Oeyras de data de 5 de Julho ne 1760, dirigida ao Governador do Castello de Angra».

Na conformidade da carta Regia que vossamerce receberá com esta remetto a vossamerce os dous massos dirigidos ao Bispo d'essa Diocese ou quem seu cargo servir para serem entregues ao refferido Prellado ou na sua falta ao cabido no mesmo dia em que vossamerce fizer publicar as duas Leys, que foram promulgadas para a expulsão dos Jesuitas para preventivo aviso dos vindouros: levando um dos ditos massos duas cartas Regias semilhantes as que vam complicadas debaixo dos numeros dezasete e dezoito da dita collecção; e outro um exemplar d'ella authentico, para ser guardado no archivo d'esse Bispado, segundo o espirito da Ley, que tambem vai complicada, debaixo do numero vinte da mesma collecção. Não obstante o que acima refiro é sua Magestade servido que vossamerce emcarregue o Conde de Sam Vicente Manuel Carlos da Cunha da direcção do embarque dos Jesuitas; porque vai munido com todas as ordens do mesmo Senhor para esse effeito: e que sendo necessarios alguns mantimentos os mande vossamerce fazer promptos por conta da fazenda Real: e que supposto não mandar vossamerce na cidade, o deve fazer n'esta occasião para executar as ordens que lhe der o sobredito conde. Deus guarde a vossamerce. Nossa Senhora da Ajuda a cinco de Julho de mil settecentos e sessenta. *Conde de Oeyras*. Senhor governador do castello de Angra ou quem seu cargo servir. Fica registada n'esta vedoria no Livro Terceiro e folhas trezentas vinte e duas verso.

Angra vinte e sette de Agosto de mil sette centos e sessenta. Castilbranco. Concorda com a propria carta a que me reporto que aqui bem e fielmente fiz copiar a qual conferi recenciei e está copiada na verdade sem cousa que duvida fassa como na propria se contem. Angra vinte e sette de Outubro de mil sette centos sessenta e quatro annos, eu Sebastião José de Bittencurt escrivão do Comfisco que a sobescrevj e asignei, e outro sim declaro que a propria carta me reporto em poder do Copp.am Commandante do Castello de São João Baptista desta cidade. Francisco Pereira de Lacérda. Conferida. De Sebastião José de Bittencurt »

A egreja, que foi quem entre nós mais concorreu para a fundação da monarchia, para dilatar seus dominios, propagar sua gloria e nobilitar a historia de seus grandes homens; que inspirou, dirigiu e levou acabo, pelo braço poderoso de nossos maiores, as façanhas mais portentosas na vida d'um povo, com credito para a nação portugueza e vantagem da civilisação do mundo, não tem encontrado ultimamente nem quem lhe agradeça nem quem lhe considere taes serviços na nossa sociedade, antes pelo contrario lhe pagam o bem que fez com o mal com que a tratam e o odio que lhe votam.

O centenario pombalino é uma festa em odio á egreja, e sob este ponto de vista não póde ser do agrado dos catholicos; é um grito de guerra contra a egreja, uma voz de chamamento ás armas contra a paz religiosa que temos gozado, e sob este aspecto é ainda objecto de graves aprehensões, de susto e legitimo temor para todos os homens serios e que teem que perder, sejam quaes forem as suas idéas religiosas.

Não nos faltava mais nada. Portugal foi rico e hoje é pobre; foi grande, e hoje é pequeno; foi poderoso, e hoje é fraco. Não admira. Grandes foram os assyrios, grande foi Babylonia, grande a Persia, grande a Grecia, emfim maior que todos foi o collosso do imperio romano, que abrangia o mundo. E comtudo a Assyria vive apenas na historia, Babylonia nem sequer deixou ruinas, a Persia a custo se póde amparar das erupções frequentes dos visinhos povos, a Grecia é apenas um pallido reflexo do que foi nos formosos dias de seu esplendor e de suas olympicas glorias, e o poder immenso d'esse povo largamente rei, como o carvalho annoso e apodrecido pelos seculos, cahiu para não mais se erguer, apavorando com o estrondo de sua queda todos os espiritos e todos os corações.

Mas tinhamos ainda uma gloria que nos contentava na nossa pobresa, era a unidade religiosa, era a filiação na Egreja Catholica Apostolica Romana, era a consideração de que a associação politica da totalidade —á parte uma ou outra excepção—dos portuguezes se achava unida entre si pelos vinculos da profissão da mesma fé e das mesmas crenças religiosas, pela participação dos mesmos sacramentos, pela mesma obediencia aos legitimos pastores, em communhão e sob a direcção suprema do primeiro cabeça da egreja, o vigario de Christo na terra, o successor de Pedro, o Papa, mestre da verdade e cuja voz não póde ensinar o erro, por quanto Deus o dotou com o ineffavel dom da infallibilidade.

Assim unidos, eramos grandes na nossa pequenez. Menos eram os portuguezes que foram conquistando pouco a pouco aos mouros a maior parte das terras que hoje possuimos no continente. Menos eram os portuguezes que descobriram e restituiram á geographia muitos mundos perdidos na Asia, na Africa, na America e na Oceania, que passaram ainda além da Taprobana, que deram professores ás unidades estrangeiras e mandaram seus filhos assentar-se na cadeira augusta de S. Pedro e encheram o florilegio das maravilhas christãs de muitos santos, muitos martyres e de muitos confessores.

Ditosos tempos! Aquelles dias de nossa vida social alvoreciam risonhos e opulentos de galas, como estas manhãs de primavera que só se gozam debaixo de nosso clima, em que a pureza e o azul dos céos, as flores e os perfumes da terra e os halitos fresquissimos dos adormecidos mares parecem entrar em competencia de formosura.

O imperio do Evangelho, acrescentado e dilatado illimitadamente, não obstante o rancor dos homens e os mil obstaculos da natureza, era como uma oração que convidava a bondade divina a favorecer-nos constantemente.

Nós fomos grandes pela fé; com ella nos sustentaremos; por ella ainda podemos esperar a regeneração de nossa patria; sem ella, morreremos mesmo politicamente.

Grande erro é pois, e um crime contra a religião e contra a patria todo o serviço que se prestar á celebração do centenario d'um vulto de nossa historia que se tornou notavel na sua guerra á egreja catholica e que é lembrado e atirado ás faces dos catholicos como um grito de perseguição que se vae fazer ás nossas crenças, ás crenças de nossos paes, á religião do estado.

Arredam-se os catholicos de tão abominaveis festejos.

Os maçons, os petroleiros, os republiqueiros, os impios, os máos, os libertinos, querem contar a sua gente e ver se pódem medir-se em forças contra os catholicos.— Apuram as contas na funcção, deduzindo o grande numero dos illudidos que irão a ella.

Tomemos nós tambem nota e saibamos differençar o trigo do joio.

Não contem os catholicos senão comsigo. Os que mais os deviam favorecer, são os que mais mal lhes fazem.

O governo, fraco, ou das mesmas idéas, lá fez passar nas duas casas do parlamento, com uma pressa para notar-se, o projecto d'um monumento á memoria do Marquez de Pombal, dando 4 contos de reis para elle, e isentando de direitos o bronze preciso para a obra.

Para coadjuvar os festejos impios e antipatrioticos do ministro sanguinario, que enforcava a quantos lhe faziam sombra ou não cediam aos seus caprichos, que em nome dos interesses publicos ia augmentando fabulosamente a sua propria casa de forma, que chegou, de pobre que era, a ser o homem mais rico do paiz no seu tempo, tem o governo dinheiro.

Ha aí professores primarios a morrer de fome e para elles não ha vintem!

Em nome da nobreza do thesouro, tributa-se até o sal!

Pede-se que a nação em massa concorra para erguer aquelle monumento e organisão-se commissões nesse sentido, solicitando-se donativos até nas mais pequenas aldeas do paiz.

O governo coadjuva tudo isto e preside aos festejos.

Deus queira que lhe não venha cedo o desengano da armadilha em que o meteram os maçons e os republiqueiros.

Nós os catholicos abominamos taes festejos. Aqui não se fazem festas senão á virtude. O crime, o roubo, a devassidão, a crueldade, a infamia, a apostasia, a hypocrisia, nunca recebe incenso, supposto practicasse uma ou outra obra boa, porque ninguem entre nós levanta estatuas a um ladrão apesar de não haver nenhum que não tenha sua devoção.

Cremos que Braga dará mais uma vez por esta solemne occasião uma prova de suas profundas crenças religiosas, de seu bom senso e de seu patriotismo, não tomando parte alguma na commemoração de tão abominavel centenario e que procurará protestar contra elle ainda mais pronunciadamente dirigindo-se Áquella que lá do alto do monte, a está abençoando e protegendo, e pedindo-lhe coragem para resistir, vencer e dominar estes maus tempos que vão correndo para a santa egreja.

O Senhor será comnosco. Os impios passarão; ás tempestades succederá a bonança. A exaltação dos maus durará dous dias e morrerá ao terceiro. Deus fica e a sua verdade.

A nossa fé não nos desamparará e com ella venceremos todas as difficuldades.

Unamo-nos todos para orar ao Senhor e a oração nos livrará dos males e dos máos.

O CENTENARIO POMBALINO

Anda o liberalismo, o maçonismo ou o espirito do mal se assim o querem n'uma fona viva. Afinão-se musicas, levantão-se mastros, desfraldão-se galhardetes, rematão-se os ultimos lavores de symbolicos estandartes, preparão-se luminarias e por cima de tudo a tuba da fama dos jornaes mais *vermelhinhos* resoa estrindente por toda a parte.

Que acontecimento extraordinario vae solemnisar-se? Será alguma manifestação de culto externo em honra do Creador ou d'algum sancto que na sua humildade e virtude passasse a vida derramando o bem pela humanidade, sua irma?

Não. As trevas foram sempre inimigas da luz, o erro oppoz-se sempre ao bem.

Será então a recordação d'alguma tradição heroica da patria, d'aquellas que fazem pulsar o coração e com que se queira acordar este povo outr'ora, nos tempos de fé, tão forte e altivo e hoje tão enervado e abatido?

Tambem não. Os homens que amanhã vão passear a sua importancia liberalesca pelas praças e ruas dos centros mais populosos e mais corrompidos do reino, tem-lhe cuspido mil vezes, tem-na vilipendiado, deshonrado; desprezam-na, devoram-na e, se uma reacção formidavel e prompta se não ergue para suplantá-los, acabarão por arruinál-a ou vende-la.

Então o que será?

Sarcasmo cruel! singular antithese! insania incrivel! São os adeptos da liberdade da licença a celebrar o centenario d'um homem que é a personificação do mais feroz despotismo, a encarnação mais perfeita d'uma epocha odiosa de martyrios, de lagrimas, de sangue e de perseguição.

Protesto em fórma contra a intituição mais bella que tem apparecido na terra, contra a egreja, isto é, contra o que tem havido e ha de mais grandioso e elevado nas sciencias, nas artes e nas lettras; rejuvenescimento vergonhoso de odios que cem annos não bastárão a extinguir—o que significa isto?

Tristissimo para a dignidade humana, mas pura verdade. Significa uma parte do povo, esquecida das verdades eternas do bem e do justo, a retroceder para o paganismo; significa os primeiros bampejos d'uma sociedade que quer ser idolatra; significa a assistencia a uma evolução social que relembra aquelles periodos de decadencia e perdição que a historia nos aponta e em que os homens descêram a ponto de adorar as suas proprias paixões e vicios.

Se os centenaristas celebrassem as imminentes qualidades do marquez de Pombal como administrador de alta capacidade, laborioso, activo, perseverante, destemido e inflexivel, achava-o util mesmo conveniente como estimulo aos estadistas modernos, porque, diga-se a verdade, devem-se-lhe grandes reformas administrativas e litterarias e muitas providencias em favor da agricultura, da industria e do commercio; mas o que elles celebram não é nada d'isto, o que elles glorificam é o caracter despotico, violento e cruel do seu heroe contra a nobreza a quem tantos serviços deve este reino, contra a companhia de Jesus que então como hoje tanto aborrecem por ser um obstaculo insuperavel ás suas idéas e principios dissolventes.

E' isto o que escandalisa e revolta os homens de bem, porque não é possivel ver com bons olhos a injustiça engrandecida e victoriada e a virtude abatida e humilhada. Verdade seja que por um lado a demonstração não tem a importancia que lhe querem dar, já pela parte minima da população que d'ella faz parte, já pela qualidade das pessoas que a constituem; pois todos sabem que é composta, na maioria, de estudantes cabulas e irreflectidos e quasi todos fóra do goso dos direitos civis e politicos, de representações de corporações que vão, não porque os associados lhes dessem auctorisação para isso, mas porque gostão de deitar figura, e de operarios que necessariamente tem de obedecer ás ordens dos seus patrões; mas por outro lado revela um grito de guerra ousado e atrevido, um signal de força e vida que deve causar serias apprehensões a quem se lembre do que será a sociedade, quando os principios d'esta boa e sancta gente estiverem em pleno vigor, ou quando esta geração nova substituir a actual nos negocios do estado.

E que estes principios não tardarão a ser lei antes de poucos annos, estou certo d'isso; mas a culpa é de nós, os catholicos e legitimistas que assistimos de mãos cruzadas a este desmoronamento social pelo que as gerações vindouras nos hão-de pedir severas e justas contas, a nós que tinhamos obrigação de receber e rebater a pé firme estes embates da impiedade, e que deixamos correr tudo á revelia, pela nossa indisciplina, pela nossa desunião e até pela nossa inepcia.

Ha combatentes dotados de boa vontade e coração intrepido; mas aonde estão os chefes? Ha força e vitalidade em exuberancia; mas aonde existem as associações e os centros que as concentrem e disciplinem?

Despertemos por uma vez; os nossos inimigos estão a impellir-nos para o verdadeiro caminho que deviamos ha muito ter trilhado.

Fazemol-o? Podemos considerar-nos vencedores e terminarão estes espectaculos vergonhosos como o que ámanhã vamos presencear.

Não o fazemos? Ai da sociedade e de nós que é tremenda a responsabilidade que com justa razão nos cabe, é a que não poderemos do modo algum subtrair-nos.

Augusto Semblano.

O BISPADO DE LEIRIA

Em virtude da nova circumscripção diocezana do reino, authorizada pela lei de 20 de abril de 1876, tem este importantissimo bispado de desaparecer dos annaes da historia da Egreja, aonde o seu nome, entre as éras mais remotas, apareceu sempre ao par dos mais gloriozos successos porque tem passado a Egreja de Deus na nossa antiga Luzitana. Leiria, tem uma notavel cathedral, um excellente seminario, alli se educam christã e moralmente grande numero de estudantes, e se habilitam para o sacerdocio a maior parte d'aquelles que tem vocação decidida para excercer a missão apostolica, que tão grandes fructos tem produzido no bispado de Leiria.

Alem d'isso a sua população é de 74:000 almas, numero muito superior para um bispado regular, como é o de Leiria; por tanto tem todos os elementos de vida, e não pode, sem flagrante injustiça, ser incluido na lei da circumscripção diocezana.

O illustre deputado por aquelle circulo no preambulo com que precede o seu projecto de lei, pedindo a sua conservação, mostra magistralmente a razão de sêr d'aquelle importantissimo bispado, que por todos os titulos, tem jus a sua conservação. E nós faremos votos ao céo que assim aconteça; pois nem outra cousa é de esperar em presença das sensata e judiciosa consideração, que acompanham o projecto de lei do illustre deputado, que gostosamente passamos a transcrever:

«Senhores. — É geralmenre sabido, com quanto não conste ainda por documento official do dominio publico, que o governo, que esteve á testa dos negocios do paiz desde junho de 1879 até março de 1881, usando da faculdade que lhe conferia a lei de 20 de abril de 1876, organisou, de accordo com a curia romana, uma nova circumscripção das dioceses do reino, com reducção de algumas d'elles.

Em virtude da nova circumscripção virá a ser supprimida a actual diocese de Leiria, assim como a de Pinhel, Aveiro, Castello Branco e Elvas, e annexada ás que lhe são limitrophes. Rasões ponderosas, que passo a expor-vos, me levam, porém, a pugnar pela conservação da diocese de Leiria e ampliação da sua area.

Fica esta diocese situada entre a de Coimbra, ao norte, o Oceano Atlantico, ao poente, e o patriarchado, ao sul e nascente, o qual rodeia aquella na maior extensão da sua circumferencia. No extremo nascente do reino existe ainda a diocese de Castello Branco, tambem comprehendida entre as que serão extinctas.

Todavia, quem lançar os olhos sobre o mappa do paiz notará desde logo, com admiração que, extinctas as duas dioceses de Leiria e Castello Branco, virá a ficar uma facha consideravel de territorio, que abrange n'um sentido toda a largura do reino desde o oceano á fronteira de Hespanha, pelo nascente; e n'outro sentido toda a extensão ao longo do paiz, desde Setubal a Coimbra, sem que em toda esta *enorme* zona fique subsistindo uma unica diocese.

E esta notavel circumstancia, que se não verifica em algum outro ponto do paiz, desde norte a sul, como é facil de reconhecer, constitue precisamente uma excepção injustificavel, para a qual se não encontra rasão plausivel, e que está exigindo a conservação da diocese de Leiria, como intermedio o mais natural e indispensavel da extensa zona de Lisboa a Coimbra, e unica na facha transversal que se estende em toda a largura do reino.

Nem se poderá allegar, em defeza da proposta extincção, a escassez da população do correspondente territorio, a qual só erradamente se póde suppor; nem tão pouco a necessidade da conveniencia de alargar a area das dioceses confinantes; pois é já grande a de Coimbra, e maior virá a ser annexando-se-lhe parte da de Aveiro e talvez de Castello Branco, e que é mais ainda, é extraordinaria a extensão do patriarchado!

Tudo, ao contrario, está aconselhando a conservação da actual diocese de Leiria, e até a sua ampliação. A commodidade e interesse dos povos, que só podem ser preteridos por alguma rasão de ordem superior, que não existe, nem se presume, commodidade e interesse que exigem que não se vá obrigar os povos a terem de ir em longa e dispendiosa jornada a Lisboa ou a Coimbra, para cuidar de negocios ecclesiasticos; a harmonia entre a circumscripção ecclesiastica e administrativa, que, para interesse e beneficio de todos, importa manter o mais possivel as conveniencias da administração ecclesiastica que são sempre sacrificada com as grandes circumscripções; a vantagem e utilidade que ha indubitavelmente em facilitar a vigilancia do chefe de um bispado sobre todos os seus subordinados, a qual não comporta nem as grandes distancias, nem o grande numero sobre que tenha de exercer-se essa vigilancia; o bene-

fico influxo que o exemplo, emanando do prelado de uma diocese, deve exercer sobre os parochos como sobre os mesmos fieis, e que mal se faz sentir ao longe, são setas outras tantas rasões que invoco em favor da conservação de uma diocese em Leiria.

A todas estas rasões, já bastante numerosas e assás graves, acrescem ainda as circumstancias de possuir Leiria um vasto paço episcopal; uma sé cathedral notavel por sua amplitude, a maior de todas as provinciaes, onde funcciona um cabido completo; e, finalmente, um seminario importante que é modelo de boa educação religiosa e scientifica para os que n'elle procuram habilitar-se para o sacerdocio. Tudo tem, e de nada mas carece, senão de que lhe conserve o que é seu!

E tódos estes edificios ficarão inutilisados ou mal aproveitados com a extincção do bispado.

Deserta a sé cathedral, abandonado o paço episcopal, fechado o seminario aos que, pobres de bens de fortuna e ricos só de abnegaçãao para a vida do sacerdocio, alli, perto de suas casas, com o facil auxilio de suas familias, sem o sacrificio para elles invencivel de longas e despendiosas viagens, procuravam habilitações ao alcance dos seus parcos haveres.

Nem se diga que é pequena e restricta a população da diocese de Leiria, para que não possa e deva substituir. Por isso tem esta diocese conquistado e mantido desde todos os tempos os creditos de uma das mais morigeradas de todo o reino.

E se n'esta exiguidade da sua população, actualmente de 74:000 almas approximadamente, ha algum defeito, corrija-se este pela annexação, que tam bem indicada está sendo, das freguezias de Alcobaça, Alfeizrão, Benedicto, Cella, Coz, Evora, Famalicão, Maiorga, Porto, Pederneira, Turquel, Vallada. Vestiaria e Vimieiro, que ficam ao sul, todas pertencentes ao conselho de Alcobaça, comprehendendo uma população de 23:561 almas, ou ainda pela annexação da da prelazia de Thomar, pelo lado nascente.

Por todas estas considerações, e outras que a vossa muita illustração me dispensa de adduzir, tenho a honra de submetter ao vosso esclarecido exame o seguinte:

Projecto de Lei

Artigo 1.º É auctorisado o governo a modificar, de accordo com a santa sé apostolica, nova circumscripção diocesana, em ordem a manter e ampliar, como julgar mais conveniente, a diocese de Leiria.

Art 2.º Fica revogada toda a legislação em comtrario.

Sala das sessões da camara dos deputados, 28 de março de 1882.—*Adriano Xavier Lopes Vieira*=*Antonio Ribeiro dos Santos*=*Viegas Augusto Zeferino Rodrigues*=*Sébastião de Souza Dantas Baracho*=*Francisco Augusto Florido da Mouta e Vasconcellos*=*Antonio José Teixeira*=*Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello Ganhado.*

E viado á commissão de negocios eclesiasticos, ouvida a de fazenda.

PROTESTO
DA
JUNTA DIRECTORA DA ASSOCIAÇÃO CATHOLICA DE BRAGA

Contra o centenario do Marquez de Pombal

As honras do centenario devem ser tributadas por um povo só aos concidadãos cujas qualidades muito realçaram e pairaram n'uma esphera superior, distinguindo-se pelas suas virtudes, pelo seu talento e pelo seu patriotismo acrysolado.

Um centenario representa o complexo das homenagens consagradas aos serviços eminentes de um antepassado conspicuo em prol da patria e da religião; só assim póde obter a sancção da razão; só assim póde almejar o elevado fim de indigitar o verdadeiro typo por onde devem remodelar-se as acções do povo que sedento de gloria se remira n'um passado egregio, cuja recordação faustosa deve accender brios e estimular virtudes. D'outra sorte o centenario em vez de ser um incentivo efficaz do bem e do progresso, enrola-se no ouropel do burlesco. A Junta Directora da Associação Catholica de Braga penetrada d'estes principios e percebendo no centenario do Marquez de Pombal um insulto á religião catholica e uma expansão das ideias revolucionarias que passam em Portugal, intendeu que obliteraria a sua missão e não seria fiel interprete dos sentimentos seus, e dos associados, senão **Protestasse** contra tão iniqua profanação. Porisso **Protesta** contra o centenario do Marquez de Pombal, em nome da religião, do patriotismo e da liberdade.

Em nome da religião, não só porque o marquez de Pombal a conculcou, exhautorando os Bispos, menospresando o Clero e extorquindo audazmente Bullas ao Summo Pontifice Bento XIV para expulsar a benemerita Companhia de Jesus, assacando-lhe abjectas calumnias, mas porque os promotores do centenario lhe imprimiram um caracter anti-catholico, violando alvarmente o cofre sacratissimo das nossas crenças.

O marquez de Pombal foi um servidor cégo e condigno da Encyclopedia, da revolução e da maçonaria, de que foi o primeiro chefe em Portugal; elle foi o verdadeiro iniciador e introductor das ideias revolucionarias n'este paiz; a elle deve Portugal os progressos funestos da descrença e a enervação dos costumes.

Se não foi um impio, aviltou quanto póde a nossa santa religião, e é por isso que se lhe celebra o centenario, segundo a confissão dos promotores, como se vê na circular da maçonaria, nos programmas da festa e nos jornaes eivados mais ou menos de impiedade.

—Em nome do patriotismo, porque havendo na historia patria nomes tão illustres, que devotaram os interesses, o valor e a vida á conquista dos louros com que se engrinalda a memoria dos nossos tempos gloriosos, se foi lançar mão d'um homem cujos males que produzio, jámais poderão compensar alguns bens que promoveu.

Se reedificou Lisboa, tambem arvorou 300 forcas onde sem processo soffreram os horrores d'uma crudelissima morte, muitos innocentes devorados pela fome.

Se o marquez de Pombal fez alguma cousa de reconhecida utilidade para Portugal, o que é contestado por boas auctoridades, foi no entanto um ministro que infamou a nobreza, e trucidou o povo.

—Em nome da liberdade, porque o marquez de Pombal foi o maior despota que tem governado Portugal,

Converteu o tribunal da Inquisição n'um açougue horrivel; mandou queimar em vida uns, esquartejar outros, enforcar e torturar muitos com uma crueldade que horripila.

Entaipou em tetricas paredes milhares de cidadãos portuguezes sem crimes provados e até sem processos.

Os ergastulos dos carceres do marquez de Pombal eram d'uma riquitanda dureza, chegando um religioso a ver-se na necessidade de enterrar outro na mesma enxovia onde ambos estavam prezos, para não succumbir ás exhalações mehephiticas do corpo do irmão em putrefacção.

Tyrannisou este paiz d'um modo que causa o supremo horror recordar taes barbaridades.

Um canibal d'esta ordem não póde ser festejado n'um paiz onde se pretende que radie a estrella candida da liberdade.

Centenariar o milhafre da liberdade é o *supra-summum* do absurdo e do ridiculo.

Nós, pois, para salvar a nossa honra como catholicos, como portuguezes e apologista da verdadeira liberdade consignamos aqui um solemne Protesto contra a festa que a revolução impia celebra ao Marquez de Pombal.

A Juncta Dirnctora.

NOTICIARIO

Ao Sameiro! Ao Sameiro!—Aproxima-se a hora de todos os catholicos d'esta augusta cidade e de todo o reino seguirem caminho da montanha Santa.

A nossa redacção tomará lugar na edificante peregrinação incorporando-se com a nobre classe artistica, levando uma linda bandeira de gorgorão de sêda branca com os emblemas da—*Cruz e a Espada*—e disticos allegoricos ao protesto contra o centenario maçonico.

Esta bandeira será entregue á meza da Confraria, para perpetuar o nosso protesto.

Ávante catholicos ao Sameiro! Fechem-se as portas, e caminhemos todos. Do nosso lado está a bandeira da Cruz—e do outro o estandarte da morte impunhado por Satanaz. Quem não é por Deus siguirá o emblema da morte....

Ao Sameiro catholicos! Ao Sameiro!

A associação Catholica.—Publicamos fora do devido lugar o protesto que esta benemerita associação elaborou contra o *centenario maçonico* do despota e sanguinario marquez de Pombal. A culpa não foi nossa, mas sim de *quem* o odio e a inveja são dotes que lhe adornam a fronte, e que querem fazer *commercio* comtudo.

Depois chorem.

Missa funebre.—A mesma associação, manda celebrar no dia 8 do corrente, pelas 6 horas da manha na egreja dos Congregados, antes de saír a peregrinação da nobre classe artistica, uma missa em sufragio das almas que foram victimas de ferocidade do sanguinario marquez de Pombal, e pela alma do mesmo verdugo.

Honra seja dada a tão nobre associação.

A Santa vera Cruz.—Festejou-se como nos annos anteriores, o symbolo da nossa fé—a Santa Cruz, arvore bemdicta da redempção humana.

Na real egreja de Santa Cruz houve missa cantada, exposição do Santissimo, e sermão—sendo orador o R.mo José Maria de Barros, conego honorario, e prior de Monsarrates, em Vianna do Castello havendo no fim a procissão do costume.

O orador sagrado elevou-se á altura do conceito em que á muito é tido n'esta cidade, que lhe foi berço.

O fogo da Carta.—No dia 29 do passado mez d'abril, festejou-se aquella *dona senhora* mandando a Camara *nossa senhora*, subir ao ar alguns foguetes, na fórma do antigo *uso* e costume.

Ha porém uma differença notavel entre *este fogo da carta*, e aquelle que foi mandado deitar por occasião da coroação do SS. Padre Leão XIII; porque, o fogueteiro dos festejos catholicos foi preso e authoado, e o da *senhora carta*, teve *passe* de o *botar* aonde muito quizesse... Alguem fazendo justos commentarios sobre a igualdade com que se administra justiça e fazendo certo confronto do caso que fica relatado, foi-lhe em acto continuo respondido:=Não se admire; porque, a *senhora dona carta* foi-nos impingida por *chalaça*, e assim havemos de viver sempre em brinquedo, até que um dia seja queimada, visto ser letra morta, o que n'ella está escripto.=Que intrujões; em nome da *carta*, proclamam—*liberdade e igualdade*—e á sombra d'esta *dona farrapeira* praticam-se as maiores arbitrariedades que se pódem imaginar! A *carta*, póde ter fogo perto de *casa* e os festejos catholicos só nos montes remotos ou no charqueiro dos Prados!

Quem quizer que compre a vossa *liberdade e igualdade*?...

E dizem-se catholicos os taes melros de bico vermelho?!—Hin.

ANNUNCIOS

Editos de 30 dias

Pelo Juizo de Direito d'esta Cidade de Braga, e cartorio do escrivão do segundo officio João Marcos d'Araujo Ribeiro, correm editos de trinta dias citando, chamando e requerendo todas as pessoas insertas equaesquer credores e legatarios desconhecidos ou residentes fora da comarca, que se julguem com algum direito e acção ao casal da finada Dona Maria Anna Dobbs de Mello, moradora que foi no largo de Nossa Senhora a Branca desta Cidade, para que venham dentro d'aquelle praso, que começará a correr na forma da lei, deduzir e allegar seus direitos ao inventario orphanologico a que se procede por seu fallecimento, em que é inventariante o viuvo que da mesma ficou Manoel José da Silva Mello, pendente no Cartorio do referido escrivão, assistindo aos termos d'elle sob pena de a sua revelia, seguir o mesmo seus termos e ser por sentença julgado: vai collocada uma estampilha do valor de dez reis devidamente inutilisada.

Braga 4 de maio de 1882.

O Escrivão
João Marcos de Araujo Ribeiro
Verifiquei a exactidão
(36) *Adriano Carneiro de Sampaio.*

No campo de D. Luiz 1.º caza n.º 9, vende-se vinho maduro e bom a 50 reis o quartilho. (37)

Declaração e aviso

O visconde da Torre declara para todos os effeitos que não tem responsabilidade alguma em qualquer letra em que figure a sua firma se esta não for reconhecida por tabellião com declaração de ter sido feita na sua propria presença, pois qualquer outra que apparreça fóra d'estas condições, á excepção das que actualmente estão em juizo, não é verdadeira, como provará se necessario fôr. Outro sim declara que d'ora avante é seu sobrinho o Conselheiro Antonio Alberto da Rocha Páris, quem está auctorisado a represental-o em todos os seus negocios.

Braga 20 d'Abril de 1882.

(35) *Visconde da Torre.*

CASA FELIZ
Ignacio Torres

28—Praça do Barão de S. Marinho—28
BRAGA

EXTRACÇÃO A 13 DE MAIO DE 1882

Premio grande 14:000$000 reis

Tem á venda no seu feliz estabelecimento grande sortimento de bilhetes, meios, quartos, decimos, oitavos e fracções de differentes preços para a mesma loteria, encontra-se n'este estabelecimento bom sortimento para todas as loterias, de Hespanha e Lisboa: a roda principia a andar ás 11 horas da manhã; de tarde estará presente o telegramma dos premios maiores.

Loja com fazendas brancas, miudezas, charutos, colarinhos, gravatas, punhos, silouras, tudo por preços commodos.

Nova casa Penhorista Bracarense

Situada na rua dos Sapateiros N.º 9
BRAGA

Esta casa empresta dinheiro sobre roupas, e objectos de ouro, prata e pedras preciosas etc., etc.

Os juros são limitadissimos, como não terá competencia nas casas actualmente aqui estabelecidas no mesmo genero.

Acha-se aberto este estabelecimento todos os dias, desde as 7 horas da manhã ao meio dia, e desde as 2 da tarde ás 9 horas da noite.

Nos domingos e dias sanctificados abre ás 8 da manhã e fecha ao meio dia.

Os proprietarios-gerentes d'esta casa esperam merecer todo o favor do publico, que jámais terá motivos de descontentamento. (26)

Venda de casa

Vende-se uma morada de casas situada na Cruz de Pedra, n.º 52, ou arrenda-se desde já. Tem bons commodos, excellente quintal, e agua de poço com bomba.

No caso de venda póde ficar o comprador com dous terços do dinheiro a juro de 5 por cento.

Trata se na redacção d'este jornal.

Dinheiro a juro

Na confraria de Santa Luzia, erecta na Sé Primaz, ha para mutuar a quantia de 416$000 reis, sob hypotheca: quem pretender a dita quantia, póde dirigir á meza o seu requerimento e juntar os titulos respectivos da hypotheca a constituir.

Braga 24 de Fevereiro de 1882.

O secretario,
(16) *Gabriel Angelico de Carvalho.*

Typographia Lealdade—Rua de Janno N.º 1